

A IDENTIDADE NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO: ENTRE O LOCAL E O GLOBAL

Isadora Gross Fortes¹

RESUMO

Este artigo compara as perspectivas de Amartya Sen, Seyla Benhabib e Avner de Shalit sobre os conceitos de globalização, sentido de lugar, universalismo, particularismo e especialmente, identidade, e como ela é afetada. A obra "Identidade e Violência" de Sen desafia a visão monolítica da identidade, argumentando que as pessoas possuem identidades plurais e que a imposição de identidades únicas pode levar à violência. Em "The Claims of Culture", Benhabib explora as tensões entre universalismo e particularismo na globalização, destacando como culturas e identidades são negociadas em um mundo cada vez mais interconectado, abordando principalmente questões de gêneros e minorias. Avner de Shalit, em "The Functioning of Having a Sense of Place: Cities and Immigrants," foca no impacto da globalização sobre o sentido de pertencimento em contextos urbanos, especialmente entre imigrantes, sugerindo que o sentido de lugar é crucial para o bem-estar e a identidade individual. Através deste comparativo, buscarei entender como esses fenômenos afetam na construção de identidade, e como moldamos ela nos dias atuais, em meio às forças globais e locais, e as dificuldades enfrentadas ao tentar preservar a diversidade cultural e o sentido de pertencimento em um mundo cada vez mais globalizado.

Palavras-chaves: identidade; globalização; sentido de lugar; particularismo.

1 INTRODUÇÃO

No atual mundo em que vivemos, percebemos que a globalização tem transformado profundamente várias esferas de nossas vidas, assim como as dinâmicas culturais e identitárias no mundo contemporâneo, desafiando noções tradicionais de pertencimento e singularidade cultural. Neste contexto, a identidade surge como uma questão cada vez mais complexa, visto que os indivíduos, inseridos em um ambiente de profundas interações culturais, econômicas e sociais, enfrentam o constante desafio de negociar sua essência e como se posicionam no mundo.

Para entender essas questões, este artigo irá analisar as visões de três autores cujas contribuições apresentam perspectivas complementares e divergentes: Amartya Sen (2015), Seyla Benhabib (2002) e Avner de Shalit (2019). Cada um deles aborda, a partir de distintos pontos, as consequências que a globalização gera na construção das identidades, destacando tanto os desafios quanto às possibilidades para a convivência em um mundo cada vez mais interconectado.

Amartya Sen (2015), traz em sua obra "Identidade e Violência", a complexidade da identidade humana, enfatizando seu impacto sobre ações e pensamentos. No entanto, essa diversidade pode gerar estranhamento e conflitos, podendo resultar em violência, que nem sempre é física. A globalização intensificou o acesso às diferentes culturas, ampliando os desafios de convivência. O autor também aborda a diversidade religiosa, enfatizando que seguidores de uma mesma religião possuem identidades e prioridades individuais.

¹ Discente do Curso de Relações Internacionais da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculada na disciplina de Trabalho de Conclusão II, sob a orientação do Prof. Dr. Fabricio Pontin. E-mail: fabricio.pontin@unilasalle.edu.br. Data de entrega: 15 dez. 2024.

Sen critica a ideia proposta por Samuel Huntington, intitulada como "choque de civilizações", onde o autor utiliza como exemplo para mostrar os riscos de identidades vistas como superiores, como no debate entre as identidades ocidental e islâmica. Sen argumenta que os indivíduos possuem identidades pluralistas, podendo fazer parte de diversos grupos simultaneamente. O autor também questiona sobre as divisões históricas como "Ocidente" e "Oriente", que formaram percepções desiguais e trouxeram conflitos duradouros, abordando também que, conflitos históricos, apesar de não serem reconhecidos como tal na época, resultaram de tensões identitárias ainda presentes na atualidade.

Na obra “*The Claims of Culture*”, Seyla Benhabib (2002), discute as complexas relações entre universalismo e particularismo, conectando-se em como as culturas lidam com suas identidades diante das atuais pressões globais. Benhabib argumenta que, em um mundo globalizado, as demandas culturais não devem ser consideradas estáticas, mas sim como processos dinâmicos de interação e disputa.

Benhabib, ainda salienta a importância do diálogo intercultural e do reconhecimento mútuo, enfatizando que nenhuma cultura está a salvo de influências externas ou mudanças internas. A autora aborda principalmente sobre questões de gênero, evidenciando como as reivindicações culturais muitas vezes afetam de maneira desproporcional mulheres e grupos marginalizados. Sua análise demonstra como as normas culturais podem ser reconsideradas e transformadas para promover igualdade e justiça. Desta forma, em sua obra “*The Claims of Culture*”, a autora oferece uma análise aprofundada sobre como lidar com essas tensões entre a preservação das culturas locais e a adoção de valores universais em um cenário global.

Avner de Shalit (2019) traz em sua obra “*The Functioning of Having a Sense of Place: Cities and Immigrants*”, o conceito de “*sense of place*”, destacando a relevância da conexão emocional e identitária com o local de origem do indivíduo. Ele defende que essa sensação de pertencimento é essencial para o bem-estar emocional e a formação da identidade de cada um, especialmente em ambientes urbanos e entre grupos migrantes. De Shalit examina de que modo as cidades, como espaços dinâmicos e multiculturais, podem facilitar ou até mesmo, dificultar o desenvolvimento desse vínculo.

O autor ainda enfatiza que políticas públicas e planejamentos urbanos devem considerar a criação de ambientes que incentivem o sentimento de pertencimento, respeitando as diversas culturas e histórias dos imigrantes. Avner também analisa de que forma a falta de vínculo com o ambiente pode provocar sensações de alienação e exclusão, impactando negativamente a coesão social. Em contrapartida, reforçar o “*sense of place*” pode ser uma ferramenta poderosa para unir comunidades e fortalecer laços culturais, sem prejudicar a diversidade ou as mudanças urbanas, proporcionando uma análise aprofundada sobre a relação entre identidade, espaço urbano e imigração, sugerindo alternativas que valorizam a interação entre o global e o local.

O artigo tem como objetivo analisar as perspectivas de Amartya Sen (2015), Seyla Benhabib (2002) e Avner de Shalit (2019) sobre a formação da identidade na era da globalização. A pesquisa examina como cada autor compreende os desafios decorrentes da interação entre o global e o local, buscando identificar os fatores que contribuem para o surgimento de conflitos identitários e culturais. Além disso, o estudo reflete sobre possíveis caminhos para superar essas tensões.

Os conflitos abordados frequentemente resultam de choques entre universalismo e particularismo, envolvendo questões de poder, desigualdade, exclusão e opressão. O artigo não apenas discute os desafios da globalização e os conflitos que dela emergem, mas também propõe reflexões sobre como políticas públicas, práticas sociais e mudanças de mentalidade podem contribuir para a construção de um mundo mais integrado, que respeite a diversidade das identidades locais e a complexidade do contexto global.

Nesse contexto, o artigo irá destacar as contribuições dos três autores ao explorar as causas desses problemas e propor soluções que promovam o diálogo, a convivência harmoniosa e a valorização da diversidade cultural. Amartya Sen enfatiza a importância de reconhecer a multiplicidade de identidades como forma de prevenir conflitos, destacando a necessidade de valorizar essa pluralidade no mundo contemporâneo. Seyla Benhabib (2002) defende um diálogo intercultural inclusivo que leve em conta as especificidades de gênero e as desigualdades estruturais. Avner de Shalit aborda a relação emocional com o espaço, apresentando-a como um elemento essencial para fortalecer identidades e unir comunidades, especialmente em contextos de imigração e diversidade cultural.

2 A PLURALIDADE DA IDENTIDADE: EXPLORANDO A DIVERSIDADE HUMANA SEGUNDO AMARTYA SEN

Em sua obra “Identidade e Violência” (2015), Amartya Sen aborda de forma profunda e instigante as questões da identidade no mundo atual, desafiando concepções monolíticas e reducionistas sobre o tema. Ele explora principalmente a ideia de sermos "diversamente diferentes", permitindo-nos compreender que, embora tenhamos características interconectadas devido a influências semelhantes, não somos completamente iguais. Essa complexidade faz com que, para algumas pessoas, entender as múltiplas camadas de uma identidade seja um verdadeiro desafio.

Adotar uma visão limitada sobre esse assunto implica associar a identidade de um indivíduo exclusivamente à sua religião ou civilização. No entanto, esse pensamento reduz e ignora a diversidade, um ponto que ainda será aprofundado neste artigo. Sen argumenta que a identidade é uma construção dinâmica, moldada por experiências acumuladas desde a infância. Elementos como o local de nascimento, o ambiente social e as crenças religiosas são apenas a base de uma identidade em constante transformação. Assim, ela não pode ser reduzida a aspectos fixos, como origem geográfica ou afiliação religiosa. Como afirma Amartya Sen (2015, p. 10) em seu livro:

A mesma pessoa pode ser, sem qualquer contradição, um cidadão norte-americano, de origem caribenha, com antepassados africanos, cristão, liberal, mulher, vegetariano, corredor de longa distância, professor, romancista, feminista, heterossexual, defensor dos direitos de gays e lésbicas, amante do teatro, ativista ambientalista, um entusiasta do tênis, jazzista e alguém totalmente convencido de que existem seres inteligentes no espaço cósmico com os quais é de extrema urgência nos comunicarmos (de preferência em inglês).

Podemos, portanto, afirmar que a identidade é pluralista e não única, como abordado por Sen em sua obra. Essa pluralidade evidencia que não precisamos seguir uma única linha de pensamento ou nos conformar a visões homogêneas. A diversidade é uma característica fundamental da humanidade, e é natural que não sejamos iguais nem aspiremos à uniformidade. No entanto, uma parcela significativa da sociedade ainda acredita que a essência das coisas não mudam, que as estruturas são imutáveis. É justamente nesse ponto que surgem os conflitos: a resistência em aceitar mudanças e acolher o diferente gera tensões e divisões. Para Sen (2006), estudar esse tema é um desafio complexo, mas essencial para a compreensão das dinâmicas sociais contemporâneas.

2.1 Globalização e Identidade: Conexões Culturais e Conflitos no Mundo Contemporâneo

Para compreendermos esse fenômeno de identidades pluralistas, precisamos primeiro entender como funciona a globalização, e como ela afeta a identidade. Com o tempo, a globalização passou a abranger não apenas aspectos econômicos e tecnológicos, mas também culturais, promovendo uma troca cultural que transcende as fronteiras físicas entre os países. Essa expansão permitiu uma circulação mais fluida de valores, tradições e práticas, criando uma interconexão que redefine identidades e amplia o repertório cultural das sociedades.

No mundo contemporâneo e globalizado, Amartya Sen (2015) defende uma visão pluralista e otimista da identidade, refletindo sua transformação contínua em meio a um cenário global em constante mudança. Com o fácil acesso a uma ampla diversidade de tradições por meio da tecnologia e da comunicação, as identidades se tornam mais ricas e complexas, incorporando elementos variados, um verdadeiro reflexo das múltiplas influências culturais que caracterizam o cenário global atual.

No entanto, essa crescente facilidade de interação cultural pode também gerar conflitos, como vimos anteriormente. Embora a globalização promova a aproximação e o intercâmbio cultural, nem todos conseguem se adaptar a esse processo acelerado, o que muitas vezes resulta em choques de valores. A violência que emerge dessas tensões nem sempre é física; ela pode se manifestar de forma psicológica ou social, na sociedade ou até mesmo dentro dos lares. Isso poderia gerar atritos significativos, especialmente quando costumes tradicionais entram em confronto com valores contemporâneos, afetando, em principalmente, grupos vulneráveis.

Amartya Sen (2015) ressalta que, em contextos mais tradicionais, a preservação de práticas como a subjugação feminina ou a discriminação étnica pode reforçar comportamentos violentos, sustentados por crenças na inferioridade de certos grupos. Em sua obra *Identidade e Violência*, o autor observa que a identidade pode ser tanto uma fonte de generosidade quanto de violência, dependendo de como é vivida e compreendida. Assim, a convivência entre múltiplas culturas exige uma postura de abertura e tolerância que, infelizmente, nem sempre se concretiza.

2.2 Samuel Huntington e o 'Choque de Civilizações': Uma Perspectiva Crítica de Amartya Sen

Em “Identidade e Violência” (2015), Amartya Sen examina a teoria do “choque de civilizações,” proposta por Samuel Huntington em *The Clash of Civilizations and the Remaking of the World Order*. Segundo Huntington, as diferenças culturais e religiosas se tornaram, no período pós-Guerra Fria, a principal fonte de conflitos globais.

Um uso extraordinário da singularidade imaginada encontra-se na ideia classificatória básica que serve de pano de fundo intelectual para a tese muito debatida do “choque de civilizações” que tem sido defendida recentemente, sobretudo após a publicação do influente livro de Samuel Huntington, *The Clash of Civilizations and the Remaking of the World Order*. (Sen, 2015, p. 28)

Porém, historicamente, a redução da identidade a uma única dimensão foi usada para justificar opressão e genocídios, como no Congo sob o regime de Leopoldo II da Bélgica. A imposição de uma suposta superioridade cultural europeia deixou legados de instabilidade que persistem até hoje.

Sen (2015), critica a ideia trazida por Huntington, pois questiona essa visão ao argumentar que reduzir a identidade humana a uma divisão rígida e binária entre civilizações

apenas reforça divisões e mal-entendidos. Sendo assim, ele propõe, uma abordagem que reconheça a pluralidade de identidades que coexistem em cada indivíduo, o que poderia promover um entendimento mais inclusivo e harmonioso entre culturas distintas. Sen e Huntington abordam, cada um à sua maneira, como essas noções de superioridade e diferenciação cultural alimentam conflitos e criam divisões que reverberam por gerações. Embora as categorias religiosas tenham ganhado destaque nos últimos anos, não é razoável supor que elas eliminem outras formas de diferenciação. É ainda menos plausível considerá-las como o único critério relevante para classificar pessoas em todo o mundo.

Podemos tomar como exemplo as questões abordadas por Edward Said em sua obra “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente” (2007). Nesse livro, o autor analisa como o mundo foi dividido por conceitos como “Ocidente” e “Oriente”, destacando o impacto dessa divisão na construção de estereótipos que inferiorizam as civilizações orientais. No tópico a seguir, exploraremos as consequências dessa construção e seu papel na legitimação de práticas coloniais e na manutenção de desigualdades culturais e políticas.

2.3 Orientalismo e Identidade: A Divisão Cultural entre Ocidente e Oriente

A prática de nomear e categorizar sempre foi algo intrínseco à nossa sociedade, seja de forma positiva ou negativa. Desde os primórdios da humanidade, atribuir nomes e rótulos faz parte do nosso cotidiano. No entanto, como discutido nos tópicos anteriores, essa tendência pode levar à redução dos indivíduos a características limitadoras, como sua religião ou o lugar onde vivem, ignorando sua complexidade e singularidade. Muitas vezes, essa simplificação resulta em conflitos e preconceitos que perpetuam desigualdades e divisões sociais.

A questão da discriminação e violência que afeta determinados países e religiões está frequentemente ligada ao fato de que muitos destes lugares foram colonizados por potências europeias ou são vistos como inferiores por essas mesmas nações. A divisão entre “ocidente” e “oriente” é um exemplo claro desse processo, como aponta Edward Said (2007) em seu livro “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente”. Said argumenta que esses termos foram estabelecidos pelos europeus para marcar uma linha entre eles e seus “concorrentes” culturais, os quais eram definidos por características exóticas e generalizações que sugerem inferioridade. O Oriente foi essencializado como uma entidade inferior e passiva, dependente da dominação e definição do Ocidente. Essa construção reforçou a visão de superioridade ocidental, justificando a exploração colonial ao apresentar o Oriente como incapaz de se autogovernar e necessitado da ‘civilização’ ocidental.

Pelo dicionário, o “oriental” é o lado onde o sol nasce, enquanto o “ocidental” é o lado onde ele se põe. Embora sejam conceitos geográficos, foram carregados de significado simbólico e cultural pela mentalidade colonial, hoje ultrapassada, que estabelece uma divisão entre o que seria “civilizado” e o que não seria.

Para nós, latino-americanos, essa divisão suscita questionamentos sobre nossa própria identidade: nos encaixamos na ideia de “ocidente” ou somos, na verdade, considerados periféricos por essa mesma cultura ocidental dominante? Mesmo estando teoricamente no lado ocidental do globo, o termo remete a países desenvolvidos, especialmente europeus e norte-americanos, com os quais muitas vezes não nos identificamos.

A situação é semelhante para os “orientais”, que passaram a ver o termo de forma pejorativa, usado para descrever culturas “exóticas” que não se alinham com o padrão europeu. Assim, enquanto a classificação oficial os coloca como orientais, muitos rejeitam essa categorização e se definem em contraste com a visão ocidental, como observa o filósofo Akeel Bilgrami em seu ensaio “What is a Muslim?” (O que é um muçulmano?). Ele explora como essas pessoas são levadas a definir sua identidade em função de serem diferentes do

ocidente, criando uma imagem de si mesmos como “os outros” da sociedade (Sen, 2015, p. 105).

2.4 A Pluralidade da Identidade e o Papel Transformador da Globalização Segundo Amartya Sen

Como vimos, nossa identidade é profundamente influenciada pelo meio social em que vivemos, com a comunidade desempenhando um papel central na definição de quem somos. Embora possuamos certo "poder de escolha" sobre nossa identidade, somos moldados desde cedo pelo convívio familiar e social, fatores que impactam diretamente essa construção.

No entanto, muitas pessoas ainda encontram dificuldade em compreender a interconexão e a diversidade crescentes no mundo contemporâneo. A resistência à aceitação da pluralidade de identidades, intensificada pela globalização e pela internet, contribui para tensões e conflitos históricos e atuais, nas esferas pública e privada. A violência decorrente dessas diferenças pode surgir em vários contextos. Um exemplo disso é a violência doméstica, que reflete a persistência do patriarcado e do machismo, reforçando estereótipos e preconceitos que dificultam a aceitação do "diferente".

A globalização e as redes sociais têm facilitado a troca cultural, acelerando tanto a integração quanto os atritos entre identidades distintas. Embora essa pluralidade traga oportunidades, a dificuldade em aceitar diferenças expõe os desafios desse processo.

Em sua obra *Identidade e Violência*, Amartya Sen (2015) adota uma perspectiva otimista sobre a questão da identidade, valorizando sua pluralidade e flexibilidade. Ele argumenta que as pessoas não precisam se limitar a uma única característica definidora, pois todos abrigamos múltiplas identidades que coexistem e se entrelaçam. Para Sen (2015), reconhecer essa pluralidade é essencial para promover a convivência pacífica e o enriquecimento pessoal e coletivo.

Sen (2015) também sustenta que a globalização, longe de ser uma ameaça às culturas individuais, representa uma oportunidade de enriquecimento identitário. Essa visão contrasta com as ideias de autores como Seyla Benhabib (2002) e Avner de Shalit (2008), que abordam os desafios da globalização para as culturas locais. Segundo Sen, a interação global permite que os indivíduos assumam identidades plurais de maneira consciente, respeitando suas origens enquanto incorporam novos elementos culturais e sociais. Ele enfatiza que evitar uma visão reducionista da identidade é crucial, já que o apego a uma única definição pode criar divisões e polarizações.

Ao promover a pluralidade identitária, Sen (2015) argumenta que fortalecemos tanto o indivíduo quanto a sociedade. Uma sociedade mais justa e tolerante reconhece as diferenças como aspectos naturais da humanidade, e não como ameaças. Dessa forma, a globalização, em vez de homogeneizar ou eliminar culturas, pode abrir caminhos para a diversidade e a inclusão, permitindo que identidades se enriqueçam mutuamente enquanto preservam sua essência.

3 PLURALISMO E JUSTIÇA NA ERA GLOBAL: SEYLA BENHABIB E OS DESAFIOS DO MULTICULTURALISMO

Seyla Benhabib (2002), em sua obra “*The Claims of Culture*” (2002), analisa os complexos desafios da convivência multicultural nas sociedades democráticas atuais. A autora investiga de que maneira é viável harmonizar a diversidade cultural com a busca por igualdade e direitos universais, destacando essas questões como essenciais no cenário da globalização e nas discussões sobre multiculturalismo. Sua abordagem busca um equilíbrio entre a valorização das diversidades culturais e a manutenção de valores universais,

oferecendo contribuições significativas para a teoria política e as práticas democráticas em um mundo que se torna cada vez mais interligado.

A autora salienta que a conexão entre pessoas de diferentes culturas é uma característica inevitável do mundo global, impulsionando o surgimento de práticas de cidadania que ultrapassam os limites nacionais. Para Benhabib (2002), essa situação demanda que os conceitos de identidade e pertencimento sejam reformulados, promovendo uma perspectiva pluralista que reconheça tanto a diversidade cultural quanto os direitos universais. Essa perspectiva se alinha à ideia de identidade pluralista proposta por Amartya Sen (2015), que argumenta que os indivíduos carregam diversas identidades ao mesmo tempo, as quais se sobrepõem e se influenciam mutuamente, sem a necessidade de exclusividade.

Entretanto, Benhabib (2002) acrescenta a essa perspectiva uma abordagem feminista, ao destacar como as relações de gênero e as reivindicações das mulheres devem ser parte integrante desse debate. Ela ressalta que o reconhecimento da diversidade cultural² não deve servir como justificativa para práticas que mantenham a desigualdade de gênero ou a opressão, destacando a importância de uma cidadania global que seja inclusiva e comprometida com a justiça social. Dessa forma, a autora sugere uma harmonia entre diversidade cultural, direitos universais e igualdade, particularmente no que diz respeito às reivindicações femininas por maior representação e reconhecimento em sociedades multiculturais.

3.2 Universalismo e Particularismo: A Proposta Dialógica de Seyla Benhabib no Contexto Global

O universalismo, segundo de Benhabib (2002), refere-se à procura por valores e princípios que possam ser compartilhados por todos os seres humanos, como os direitos humanos, a igualdade e a justiça. Entretanto, ela reprova métodos clássicos de universalismo que consideram esses valores como absolutos e imutáveis, frequentemente impostos de maneira autoritária, desconsiderando as particularidades culturais e históricas.

Para superar essas limitações, Benhabib (2002) sugere o universalismo dialógico, uma perspectiva que entende os valores universais como criações coletivas, desenvolvidas através do diálogo intercultural. Esse universalismo não tem a intenção de homogeneizar culturas, mas reconhece que os princípios globais devem ser reavaliados à luz das realidades locais. Dessa forma, o universalismo dialógico é amplo e adaptável, permitindo que as vozes de diferentes culturas sejam ouvidas e respeitadas na criação de normas e valores globais.

O particularismo, em contrapartida, diz respeito à valorização das identidades, tradições e vivências distintas de comunidades e indivíduos. Para Benhabib (2002), o particularismo é tanto legítimo quanto inevitável, visto que as culturas dispõem de histórias, valores e formas de organização específicos que contribuem para o sentido de pertencimento e o bem-estar coletivo. Todavia, Benhabib (2002) adverte que um particularismo excessivo, caracterizado pelo isolamento cultural ou pelo nacionalismo restritivo, pode causar conflitos e dificultar o diálogo intercultural. Na sua perspectiva, o particularismo deve ser preservado, mas de forma que permita a interação e a negociação com os princípios universais, evitando o isolamento ou a exclusão do "outro".

² Diversidade cultural é o conceito que se refere à pluralidade de costumes, tradições e culturas que convivem em um mesmo território. Ela engloba uma série de aspectos, como a língua, a culinária, a arte, a política, as crenças, os valores, os comportamentos, o vestuário, os núcleos familiares, entre outros. A diversidade cultural é um conceito que vai além de simplesmente constatar a existência de culturas diferentes em um mesmo local. Ela também está relacionada com o respeito à pluralidade e à diversidade, e com o sentimento de pertencimento e aceitação da identidade de cada indivíduo

O grande desafio que Benhabib (2002) identifica é harmonizar o universalismo com o particularismo, principalmente em um mundo globalizado onde as culturas estão cada vez mais interconectadas. Sua proposta de universalismo dialógico é uma tentativa de equilibrar essas forças: os valores universais são discutidos em um processo inclusivo que respeita as especificidades culturais, enquanto o particularismo se abre para o diálogo, reconhecendo que nenhuma identidade ou tradição é permanente.

Um exemplo dessa harmonia é a análise dos direitos humanos. Para Benhabib (2002), tais direitos não devem ser considerados como uma imposição uniforme, mas sim como princípios globais que necessitam ser reinterpretados em cada contexto cultural. Isso assegura que as comunidades locais consigam manter suas tradições ao mesmo tempo em que participam de um debate mais amplo sobre justiça e dignidade.

3.3 Globalização, Identidade e Justiça: O Equilíbrio entre o Global e o Local

Seyla Benhabib (2002) descreve a globalização como um fenômeno dinâmico que intensifica o encontro entre diferentes culturas, muitas vezes caracterizada por tensões e conflitos. Para ela, a globalização vai além da integração econômica ou territorial; trata-se de uma negociação constante entre universalismo e particularismo, onde culturas e identidades se cruzam, se chocam e se transformam. Este processo proporciona tanto oportunidades de enriquecimento cultural e também desafios que colocam à prova os fundamentos da convivência democrática.

Benhabib (2002) alega que as identidades culturais não são entidades estáticas; elas evoluem por meio de encontros com outras tradições e das demandas de um mundo globalizado. Dessa forma, as culturas são organismos dinâmicos, constantemente moldados por fluxos migratórios, trocas econômicas e movimentos sociais. Essas relações impactam não só indivíduos, mas também comunidades inteiras, que re-organizam seus valores e ações em resposta às dinâmicas globais. Contudo, essa transformação é acompanhada de desafios importantes, como crises de identidade e reações defensivas. Essas questões surgem, principalmente, quando mudanças externas são vistas como ameaças à tradição local, resultando em fenômenos como nacionalismo excludente ou isolamento cultural.

Além disso, Benhabib (2002) enfatiza as relações de poder desiguais que influenciam a globalização. Muitas vezes, valores globais são impostos por culturas hegemônicas, em prejuízo das vozes periféricas. Essas disparidades não só restringem a comunicação intercultural, mas também mantêm desigualdades, ao ignorar as especificidades locais e reforçar a homogeneização cultural. Um exemplo pode ser visto na disseminação de padrões culturais do Ocidente, que frequentemente substituem tradições locais em nome de uma suposta modernidade.

Embora compartilhe com Amartya Sen (2015) a ideia de que indivíduos e culturas apresentam múltiplas dimensões, Benhabib (2002) propõe um passo além com seu conceito de universalismo dialógico. Neste modelo, princípios universais, como direitos humanos e justiça, não são implementados de maneira rígida e unilateral, mas sim, construídos coletivamente através de um diálogo intercultural atencioso. Esse universalismo não busca homogeneizar culturas, mas criar uma convivência onde a diversidade seja um valor essencial, valorizando as particularidades locais.

Essa inquietação em relação à conservação da identidade local e do “sentido de lugar” ressoa com as ideias de Avner de Shalit. Em *The Spirit of Cities*, de Shalit (2011) argumenta que as cidades e comunidades locais possuem uma identidade singular que deve ser valorizada e protegida contra os impactos uniformizantes da globalização. Para ele, o “sentido de lugar” é essencial para o bem-estar tanto individual quanto coletivo, atuando como um contrapeso às forças globais que frequentemente ignoram as nuances locais. Benhabib (2002)

complementa essa ideia ao ressaltar que o universalismo dialógico não deve eliminar a diversidade cultural, mas sim promover um equilíbrio entre o global e o local, permitindo que as comunidades se fortaleçam enquanto estão envolvidas em uma esfera pública global.

A autora ressalta também a importância de estabelecer espaços deliberativos, que são essenciais para mediar tensões e promover entendimento mútuo. Esses ambientes, que podem incluir iniciativas como acordos internacionais adaptados às realidades locais ou movimentos sociais que harmonizem justiça global e identidade cultural, são essenciais para enfrentar os desafios da globalização. Entretanto, Benhabib (2002) reconhece que essas iniciativas enfrentam barreiras significativas, como as relações de poder desiguais e o uso de tecnologias que, embora ampliem vozes locais, frequentemente reforçam padrões globais homogêneos.

No cenário atual, a tecnologia e as redes sociais desempenham um papel ambíguo nesse processo. De um lado, elas facilitam o intercâmbio cultural e dão visibilidade a comunidades marginalizadas. Por outro lado, podem se tornar ferramentas de imposição cultural, reforçando valores globais de maneira insensível às realidades locais.

Benhabib (2002) alerta que o grande desafio da globalização é evitar sua transformação em um processo de homogeneização cultural. Para a autora, o equilíbrio entre o global e o local, fundamentado no respeito mútuo e no diálogo, é essencial para que as identidades culturais se desenvolvam de forma fluida e híbrida. No entanto, essa evolução deve ser orientada por princípios de justiça, dignidade e sustentabilidade na convivência multicultural, assegurando que as comunidades não apenas sobrevivam, mas prosperem em meio às forças globais. Entre os grupos mais impactados negativamente por essas dinâmicas estão as minorias, incluindo as mulheres.

Como analisado em tópicos anteriores, Benhabib dedica especial atenção às questões de gênero e ao feminismo. No próximo tópico, exploraremos como a autora aborda essas questões e propõe estratégias para enfrentar os desafios associados.

3.4 Feminismo e Globalização: Identidade de Gênero entre o Local e o Universal

Segundo Seyla Benhabib (2002), a globalização é um processo dinâmico, multifacetado e em constante transformação, que apresenta oportunidades historicamente inéditas para as mulheres. Nesse contexto interconectado, o feminismo emerge como uma força vital que reconfigura identidades de gênero e redefine relações de poder. Em “The Claims of Culture”, Benhabib (2002) argumenta que as mulheres enfrentam pressões globais que transformam suas identidades culturais, ao mesmo tempo em que lidam com as especificidades locais que sustentam práticas patriarcais e opressivas.

A autora enfatiza que o feminismo não pode ser único; deve ser plural para abordar a diversidade de contextos nos quais as mulheres existem. Essa perspectiva está alinhada ao conceito de “universalismo dialógico”, no qual os direitos universais são conciliados com o respeito às particularidades culturais. Essa abordagem rejeita a imposição de um modelo homogêneo de feminismo, frequentemente associado ao Ocidente, e promove uma interação entre valores globais e locais que fortaleça tanto as identidades individuais quanto as coletivas (Benhabib, 2002, p. 19-22).

Ao discutir a relação entre globalização e identidade cultural, Benhabib destaca o papel das mulheres em moldar suas identidades em um mundo globalizado, preservando suas raízes culturais enquanto interagem com valores globais. Essa negociação constante permite que elas resistam à homogeneização cultural e mantenham seu “senso de lugar”, conceito que veremos a seguir com Avner de Shalit (2008), como uma forma de afirmação e resistência, contribuindo para uma esfera pública mais inclusiva e diversificada (Benhabib, 2002, p. 25-30).

Para Benhabib, a globalização amplifica as possibilidades de mobilização feminista, mas também apresenta desafios, especialmente em contextos onde as relações de poder são desiguais. As mulheres de regiões periféricas enfrentam pressões para se ajustarem a normas globais que frequentemente ignoram suas realidades locais. Nesse sentido, é essencial que o feminismo adote uma perspectiva intercultural, fundamentada no respeito mútuo e na valorização da diversidade, como uma estratégia para promover os valores universais de igualdade e dignidade (Benhabib, 2002, p. 45-50).

Assim, o feminismo, ao se engajar com as dinâmicas da globalização, tem o potencial de desafiar normas universais ocidentais, promovendo um diálogo inclusivo que reconheça a interdependência entre o local e o global. Essa abordagem enriquece as lutas feministas ao incorporar as complexidades culturais e regionais, sem perder de vista os princípios de justiça e direitos humanos.

4 AVNER DE SHALIT: O SENTIDO DE LUGAR NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDIVIDUAL

Avner de Shalit (2019), em seu artigo *The Functioning of Having a Sense of Place: Cities and Immigrants* (2019), define o “sentido de lugar” como uma conexão emocional e cognitiva que o indivíduo desenvolve com o local onde vive. Essa ligação vai além de uma apreciação estética ou de um reconhecimento geográfico; trata-se de um intenso senso de pertencimento e identidade, moldado por interações cotidianas, experiências pessoais e envolvimento na vida comunitária. Sentir-se conectado a um lugar, conhecer suas particularidades e cultivar o sentimento de estar “em casa” são aspectos cruciais para o bem-estar emocional e social de uma pessoa.

No entanto, ter realmente um sentido de lugar é sentir que você está bem, que este é seu lugar, que você pode florescer e se desenvolver nesse lugar. (Shalit, 2019, p. 270).

[...] os padrões de reconhecimento com os quais as pessoas vivem definem um tipo de espaço no qual alguém é capaz (ou não) de desenvolver uma identidade e um modo de vida verdadeiramente humano. (Bart Van Leeuwen, 2010; 2018 apud Shalit, 2019, p. 270)

Para Shalit (2019), o “sentido de lugar” influencia profundamente a maneira como os indivíduos percebem o mundo ao seu redor e como se relacionam com os outros. Esse sentimento é essencial para a construção de uma identidade estável, permitindo que uma pessoa se sinta segura e integrada, seja em um ambiente familiar ou em um novo local. A identidade, nesse contexto, é intrinsecamente ligada ao espaço em que se vive, moldando quem somos e como nos comportamos.

Nascer e crescer em um mesmo local frequentemente proporciona um senso de pertencimento inato. A familiaridade com a casa, o bairro, a cidade e até o país cria uma zona de conforto que oferece estabilidade emocional e facilita a convivência. No entanto, essa segurança pode ser desafiada pela migração, especialmente para outro país. Quando uma pessoa se desloca para um novo ambiente, ela enfrenta diferenças culturais, sociais e normativas que rompem sua conexão com o espaço de origem. Como expressou o poeta Shaul Tchernichovsky (1931 apud Shalit, 2019, p. 269.): “O homem não é nada além da marca de sua paisagem natal”.

Esse deslocamento pode trazer desafios, como a necessidade de se adaptar a novas culturas, costumes e paisagens urbanas. Algo que pode dificultar ainda mais é a forma como a população local recebe o migrante. Frequentemente, os migrantes são percebidos como uma

ameaça à cultura local, o que pode gerar barreiras à integração e ao estabelecimento de vínculos significativos com o novo lugar.

Eles alegam que integrar os imigrantes, com seus diferentes valores, costumes e culturas, prejudicará o sentido de pertencimento entre os veteranos, que por acaso têm valores, costumes e culturas muito diferentes. De fato, eles acreditam que é "nós ou eles". (Shalit, 2019, p. 268)

Contudo, Shalit (2019) argumenta que a inclusão e a participação ativa no novo local de residência podem suavizar essa transição. Locais que promovem a integração dos recém-chegados, valorizando sua contribuição para a comunidade, ajudam a fortalecer um novo senso de pertencimento e a criar vínculos significativos.

Ademais, é importante considerar que a identidade não é fixa; ela é dinâmica, moldada pelas experiências, pelo meio em que vivemos e pelas coisas que consumimos diariamente. Como vimos anteriormente, Amartya Sen (2015) em "Identidade e Violência", a identidade humana é pluralista, composta por diversas camadas. Embora características como lugar de residência, religião ou etnia desempenhem papéis importantes, elas não são suficientes para definir quem somos.

A pluralidade da identidade humana reflete a complexidade da nossa relação com o espaço, as pessoas e as culturas ao nosso redor. Essa multiplicidade influencia o bem-estar social e emocional, contribuindo para o sentimento de pertencimento e integração. Para sociedades contemporâneas, o desafio está em criar ambientes que promovam o acolhimento e a inclusão, respeitando a diversidade de experiências e histórias de seus membros.

Em um mundo globalizado e marcado por constantes fluxos migratórios, a compreensão e valorização do "sentido de lugar" tornam-se cada vez mais relevantes. Ao facilitar a integração de indivíduos em novos espaços, promovemos não apenas o bem-estar pessoal, mas também o fortalecimento de comunidades mais inclusivas e resilientes. Assim, o lugar deixa de ser apenas um espaço geográfico e se transforma em um componente fundamental da nossa identidade e da nossa relação com o mundo.

4.1 O Impacto da Globalização no Sentido de Lugar: Cidades entre Diversidade e Homogeneidade

Como vimos no início do artigo, a globalização transformou radicalmente as cidades ao redor do mundo, criando uma dualidade peculiar, ao mesmo tempo que essas cidades se tornam mais homogêneas em termos de infraestrutura, consumo e cultura global, também abrigam uma diversidade crescente de identidades, culturas e experiências. Essa tensão entre homogeneidade e diversidade está no centro das discussões sobre o impacto da globalização nos espaços urbanos e na forma como as pessoas interagem com esses ambientes.

Shalit (2019), explora em sua obra "The Functioning of Having a Sense of Place: Cities and Immigrants", como a globalização molda as cidades e como esses ambientes podem afetar a experiência de imigrantes e residentes locais. Ele argumenta que, embora as cidades globalizadas muitas vezes promovam uma estética universal – marcada por shoppings, redes de fast-food e arranha-céus semelhantes em diferentes continentes – elas também oferecem oportunidades para o encontro e a coexistência de múltiplas identidades.

Essa coexistência, no entanto, não ocorre sem tensões, ou seja, o "sentido de lugar"³ em uma cidade globalizada é frequentemente desafiado pela diluição das tradições locais e pela

³ O sentido de lugar refere-se à conexão emocional, cultural e simbólica que as pessoas desenvolvem com um local específico. Esse conceito vai além da localização geográfica e envolve uma relação subjetiva e pessoal com o ambiente, influenciada por experiências, memórias, e o contexto social e histórico.

superposição de símbolos da cultura global. Essa transformação pode dificultar para os residentes – especialmente imigrantes – a criação de um vínculo emocional e cognitivo com o espaço. Os imigrantes, ao chegarem a essas cidades, enfrentam o desafio de construir um novo “sentido de lugar” em um ambiente que, por vezes, parece mais uma colagem de referências globais do que uma comunidade coesa.

4.1.1 Desafios do Pertencimento nas Cidades Globalizadas: Integração, Identidade e Inclusão

Os imigrantes enfrentam uma série de barreiras ao tentar estabelecer um sentido de pertencimento em cidades moldadas pela globalização. De Shalit aponta que um dos principais desafios está relacionado à perda de singularidade das tradições locais, que muitas vezes são substituídas por padrões globais. Ele observa que, para muitos imigrantes, essa ausência de um “lugar único” dificulta o desenvolvimento de um vínculo significativo com a cidade. Quando os imigrantes chegam a uma cidade que perdeu suas características locais, eles frequentemente se encontram sem uma base sólida para construir seu novo sentido de lugar. A conexão com o espaço requer mais do que geografia; exige símbolos, rituais e práticas que tornem o lugar significativo.

Outro obstáculo destacado por Shalit é a fragmentação social nas cidades globalizadas. Apesar da diversidade cultural ser um traço positivo, ela pode levar à segregação e à dificuldade de criar laços comunitários. O autor observa que o “sentido de lugar” dos imigrantes é mais facilmente fortalecido quando a cidade promove inclusão ativa e oportunidades para interações significativas entre diferentes grupos. Para ele, os governos locais têm um papel crucial nesse processo ao criar políticas que incentivem a participação comunitária e o diálogo intercultural.

Criar espaços públicos inclusivos que valorizem as histórias e contribuições de moradores locais e imigrantes é uma estratégia essencial para promover políticas participativas e fortalecer a convivência multicultural. Esses espaços devem ser projetados para estimular o diálogo, a troca cultural e o pertencimento, tornando-se pontos de encontro onde a diversidade é celebrada e a integração social é incentivada. O desafio para as cidades globalizadas não é apenas gerenciar sua diversidade, mas transformá-la em um recurso que enriqueça a experiência urbana de todos os seus residentes.

A globalização redefine as cidades, criando ambientes que são ao mesmo tempo homogêneos e diversos. As cidades globalizadas podem se tornar não apenas lugares de transição, mas espaços de pertencimento significativo para todos que as habitam.

4.2 O Sentido de Lugar em um Contexto de Identidade Globalizada

No cenário contemporâneo das cidades globalizadas, a identidade não se apresenta como algo fixo ou singular, mas como uma construção híbrida, fruto da interação entre elementos locais e globais, como vimos com Seyla Benhabib (2002). Avner de Shalit explora essa noção ao destacar que, para muitos imigrantes, o processo de estabelecer um sentido de lugar envolve a fusão de suas identidades de origem com novas influências culturais e sociais do ambiente de acolhimento. Esta identidade híbrida surge como uma resposta à globalização, onde tradições locais coexistem e se entrelaçam com práticas globais. Para os imigrantes, essa hibridização é tanto um desafio quanto uma oportunidade. Enquanto lutam para manter as raízes de sua cultura natal, também buscam adotar elementos do novo ambiente para facilitar sua integração.

A integração é alcançada ao adotar pelo menos em parte o que e quem o imigrante é. Isso se manifesta em muitas esferas da vida pública de Amsterdã: quando visitei Amsterdã pela última vez, o curador da exposição no Museu Van Gogh tinha uma ideia semelhante. O tema da exposição era como Van Gogh foi influenciado por muitos estilos que encontrou; não era sobre como ele influenciou outros estilos, mas como sua arte era pluralista, como seu eu era plural, e como, de fato, Van Gogh era um artista híbrido. (Shalit, 2019, p. 275).

Como citado no tópico anterior, essa reconciliação, no entanto, requer apoio institucional e comunitário. Quando as cidades valorizam a diversidade e promovem a inclusão, os imigrantes encontram espaço para cultivar uma identidade que reflete tanto sua origem quanto suas novas experiências, enriquecendo o tecido social das cidades globalizadas. Pois a resiliência é um aspecto central no processo de adaptação dos imigrantes às novas realidades urbanas. Cidades globalizadas podem, muitas vezes, parecer alienantes, com sua homogeneidade arquitetônica e ritmos acelerados, mas também oferecem oportunidades para a criação de laços comunitários e o desenvolvimento de um novo sentido de lugar.

Shalit (2008) argumenta que a resiliência dos imigrantes se manifesta em sua capacidade de recriar um espaço de pertencimento em meio à complexidade urbana. Isso pode incluir desde a formação de redes de apoio cultural até a adaptação a normas e valores locais, sem abandonar completamente suas tradições. Ele ressalta que a resiliência não é apenas uma capacidade individual, mas também depende do ambiente ao redor. Os imigrantes encontram forças para se adaptar quando as cidades oferecem recursos para inclusão, espaços de participação e o reconhecimento de sua contribuição para a comunidade.

Cidades que promovem essas políticas participativas, criam espaços públicos inclusivos e respeitam a pluralidade cultural facilitam essa adaptação. Nesse contexto, os imigrantes não apenas sobrevivem às dificuldades do deslocamento, mas também transformam as cidades, enriquecendo-as com suas perspectivas únicas.

4.3 A Conexão com o Lugar e a Identidade em Movimento: Desafios e Possibilidades para Migrantes

O “sentido de lugar”, é visto para Shalit (2008), como essa conexão emocional e cognitiva que o indivíduo desenvolve com o local onde vive. Essa relação vai além de um simples reconhecimento geográfico; é uma ligação que proporciona conforto, pertencimento e identidade. No entanto, essa conexão pode ser rompida quando uma pessoa precisa se deslocar para um novo ambiente, como no caso de migrantes. Essa ruptura traz desafios significativos, como a necessidade de se adaptar a novas culturas e normas, ao mesmo tempo que lida com a perda do vínculo com o local de origem, como vimos anteriormente.

É possível traçar um paralelo entre as ideias de Seyla Benhabib (2002) e Shalit (2008) ao destacar os dilemas vividos por migrantes e minorias. Para a autora, essas pessoas frequentemente se encontram divididas entre preservar suas tradições e se moldar para se integrar à sociedade que os acolhe. Esse conflito é ainda mais intenso em um mundo globalizado, onde prevalece uma lógica de assimilação cultural que, muitas vezes, dificulta a preservação do particularismo cultural. No entanto, Benhabib defende que as tradições locais e as influências globais podem coexistir de maneira fluida, sem impor uma completa miscigenação cultural.

Amartya Sen (2015), por outro lado, leva esse debate de uma maneira mais otimista sobre a reconstrução da identidade em contextos de deslocamento. Sen acredita na capacidade dos indivíduos de gerenciar suas identidades plurais, adaptando-se ao novo ambiente sem necessariamente abandonar suas raízes culturais. Para ele, a pluralidade da identidade não é

um fardo, mas uma fonte de riqueza e resiliência. Essa abordagem positiva reforça a ideia de que o processo de adaptação pode ser encarado como uma oportunidade para o crescimento pessoal e o enriquecimento cultural, tanto para os migrantes quanto para as sociedades que os acolhem.

Em síntese, o “sentido de lugar” é fundamental para o bem-estar emocional e social dos indivíduos. Em um mundo globalizado, onde os deslocamentos se tornam cada vez mais comuns, a construção de ambientes inclusivos que valorizem a diversidade cultural e permitam a coexistência de diferentes identidades é essencial para promover a integração e o pertencimento, sem sacrificar a riqueza das tradições particulares.

5 CONCLUSÃO

Neste artigo, realizamos uma análise comparativa das ideias trazidas por Amartya Sen em “Identidade e Violência” (2002), Seyla Benhabib em *The Claims of Culture* (2002) e Avner de Shalit em *The function of having a sense of place: cities and immigrants* (2019), acerca dos desafios e oportunidades envolvidos na construção da identidade em um mundo globalizado. Exploramos, dentro de suas obras, como suas perspectivas contribuem para compreender a complexidade das identidades dinâmicas no contexto contemporâneo.

Amartya Sen (2015), contribui para este debate com o seu argumento sobre a identidade humana, afirmando que é algo plural e multifacetado, que os indivíduos pertencem simultaneamente a múltiplos grupos, e que reconhecer essa pluralidade é essencial para evitar conflitos baseados em visões reducionistas, em relação ao assunto. Como analisado no artigo, Sen critica abordagens que simplificam a identidade a uma única dimensão, como religião, etnia, ou local de nascimento, e acaba por propor uma visão mais inclusiva e dinâmica acerca da identidade.

Seyla Benhabib (2002) amplia esse debate ao examinar as tensões entre universalismo e particularismo, destacando como as culturas negociam suas identidades em meio às pressões globais atuais. Enfatizando a importância do diálogo intercultural, do reconhecimento mútuo e da consideração das desigualdades estruturais, especialmente no que diz respeito às questões de gênero e minorias. Benhabib demonstra que as reivindicações culturais não são estáticas, mas processos dinâmicos que podem ser transformados para promover maior justiça e igualdade dentro da sociedade.

Avner de Shalit (2019), agrega ainda mais o assunto, ao abordar o conceito de “sense of place”, enfatizando o papel do vínculo entre o indivíduo e o lugar de origem na preservação da identidade e no bem-estar emocional, especialmente para populações migrantes. Ele defende que as cidades e as políticas públicas devem promover ambientes que reforcem esse senso de pertencimento, criando espaços que respeitem a diversidade cultural e ajudem a integrar comunidades.

Embora apresentem perspectivas convergentes em alguns aspectos, os autores discutidos no artigo enriquecem o debate sobre a transformação da identidade frente aos impactos da globalização. O artigo ainda destaca que a construção da identidade é simultaneamente um processo individual e coletivo, profundamente influenciado pelas dinâmicas sociais, culturais e políticas. A globalização, ao intensificar esses processos, também acaba por aumentar tensões decorrentes da pluralidade identitária, frequentemente originadas por incompreensões ou rejeições às diferenças culturais. Essas tensões são agravadas por desigualdades históricas e estruturais, que dificultam o diálogo intercultural e perpetuam divisões culturais e sociais.

Nesse contexto, os autores contribuem para uma compreensão mais ampla do tema, ao abordar tanto os desafios quanto às possibilidades de superação dessas divisões por meio do reconhecimento, do diálogo e da valorização da diversidade. Em um mundo onde as conexões

entre culturas são cada vez mais intensas, é fundamental reconhecer que a diversidade não é um obstáculo, mas uma riqueza que, bem gerida, pode impulsionar o desenvolvimento humano, social e cultural.

REFERÊNCIAS:

BENHABIB, Seyla. **The claims of culture: equality and diversity in the global era**. New Jersey: Princeton University Press, 2002

BREEN, Michael; DE SHALIT, Avner. **The Spirit of Cities: Why the Identity of a City Matters in a Global Age**. Princeton: Princeton University Press, 2011.

DE SHALIT, Avner. **The Functioning of Having a Sense of Place: Cities and Immigrants**. *Political Studies*, v. 56, n. 2, p. 418–436, 2008.

DE SHALIT, Avner. The Functioning of Having a Sense of Place: Cities and Immigrants. **Journal of Human Development and Capabilities**, v. 20, n. 3, p. 267-279, 2019. DOI: 10.1080/19452829.2019.1612547.

EDUCA MAIS BRASIL. **Diversidade cultural**. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/antropologia/diversidade-cultural>. Acesso em: 20 nov. 2024.

FORTES, Isadora Gross. A identidade globalizada: uma discussão sobre identidade e violência através da obra de Amartya Sen. In: ZAMBAM, Neuro ; VESOLOSKI, Simone Paula; SILVEIRA, Margarete Magda da (org.). **Estudos sobre Amartya Sen: participação política na era digital, superendividamento social e superação da insegurança alimentar**. Cachoeirinha: Fi, 2023. v. 15.

OCIDENTAL. In: OXFORD Languages and Google. Disponível em: https://www.google.com/search?q=ocidental+significado&rlz=1C1GCEA_enBR1064BR1065&oq=ocidental+s&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqBggAEEUYOzIGCAAQRRg7MgYIARBFgDkYBggCEEUYOTIGCAMQRRg5MgYIBBBFGDzSAQgxNzElajBqN6gCALACAA&sourceid=chrome&ie=UTF-8 Acesso em: 05/08/2023.

ORIENTAL. In: OXFORD Languages and Google. Disponível em: https://www.google.com/search?q=oriental+significado&rlz=1C1GCEA_enBR1064BR1065&ei=vMLOZNRyJK3c1sQPkOCe6AQ&oq=oriental+si&gs_lp=Egxnd3Mtd2l6LXNlcniAic29yaWVudGFsIHNPkgIIADIFEAAygAQyBRAAGIAEMgUQABiABDIFEAAygAQyBRAAGIAEMgcQABiABBgKMgYQABgWGB4yBhAAGBYHjIGEAAYFhgeMgYQABgWGB5luBxQ0ApY3BRwA3gBkAEBmAGhAqABphKqAQUwLjUuNrgBA8gBAPgBAcICChAAGEcY1gQYsAPCagoQABiKBRiWAXhDwgIOEAAY5AIY1gQYsAPYAQHCAhAQLhiKBRjIAxiwAXhD2AECwgITEC4YigUY1AIYyAMYsAMYQ9gBAsICBxAAGIoFGEPCAgOQLhiKBRjUAhhDwgIREC4YgAQYsQMYgwEYxwEY0QPCAgQABiABBixAXiDAcICCxAuGIAEGLEDGIMBwgIHEC4YigUYQ8ICCBAAAGIAEGLEDwgIIEC4YgAQYsQPCAgOQLhiKBRixAXjUAhhDwgIKEAAYigUYsQMYQ8ICHBAuGloFGLLEDGNQCGEMYlwUY3

[AQY3gQY4ATYAQPCAgSOLhiABBJHARivAcICCBauGNQCGIAE4gMEGAAgQYgGAZAGEboGBggBEAEYCboGBggCEAEYCLoGBggDEAEYFA&scient=gws-wiz-serp](https://www.politize.com.br/globalizacao-o-que-e/) Acesso em: 05/08/2023.

POLITIZE. **Globalização: o que é?** Disponível em:

<https://www.politize.com.br/globalizacao-o-que-e/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SAID, EDWARD. Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia da Letras, 2003

SEN, Amartya. **Identidade e Violência**. São Paulo : Iluminuras : Itaú Cultural, 2015.

SEN, Amartya; KLIKSBURG, Bernardo. **As pessoas em primeiro lugar:** a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AGRADECIMENTOS

Depois de quatro anos, um sonho se realizou. Um sonho que não é apenas meu, mas também das pessoas especiais que me apoiaram em cada etapa dessa jornada.

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Nara Regina Gross da Silva e Gideon dos Santos Fortes, por serem minha base, meu suporte e minha inspiração. Não poderia deixar de mencionar minha fiel companheira, Violetta, que esteve ao meu lado em todos os momentos.

Agradeço à minha família, especialmente aos meus avós, Nair dos Santos Fortes, Antônio Lorena da Silva e Terezinha Gross da Silva, que tanto me apoiaram. Sou grata também a toda a família Fortes Lemos, que me acompanha, cuida e protege desde a infância.

Minha gratidão se estende às minhas irmãs de coração, Eduarda Leivas Bohi Goulart e Alessandra Soares de Almeida, que sempre estiveram presentes. Um agradecimento especial ao Ângelo Gabriel de Abreu, pelo apoio constante nos últimos anos, assim como à família Abreu, que me acolheu com carinho.

Lembro com saudade e carinho daqueles que já partiram, mas que deixaram marcas profundas em minha vida: meu tio Benedito Rodrigues Lemos e meu avô Pedro Fortes, que, mesmo sem conhecê-lo, sei que esteve comigo durante toda essa caminhada.

Agradeço também às minhas colegas de graduação e aos professores que foram fundamentais nessa jornada, especialmente Patrícia da Costa Machado, Gustavo Henrique Feddersen e meu orientador, Fabricio Pontin, por todo o conhecimento, incentivo e dedicação.

A todos vocês, meu mais profundo obrigado. Vocês fizeram parte dessa conquista e me ajudaram a viver este sonho. Graças ao apoio, à fé e ao amor de cada um, nunca deixei de acreditar que "se você pode sonhar, você pode realizar".